



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE FINANÇAS E CONTABILIDADE
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

ALYNE MOEMA RAMALHO LIRA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS FAMILIARES DOS
ASSOCIADOS ÀS COOPERATIVAS DE CRÉDITO**

**JOÃO PESSOA/PB
2018**

ALYNE MOEMA RAMALHO LIRA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS FAMILIARES DOS ASSOCIADOS ÀS COOPERATIVAS DE CRÉDITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Contábeis, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Wenner Gláucio Lopes Lucena

**JOÃO PESSOA/PB
2018**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L768e Lira, Alyne Moema Ramalho.

Educação financeira: uma análise das práticas familiares dos associados às cooperativas de crédito / Alyne Moema Ramalho Lira. - João Pessoa, 2018.

46 f. : il.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Educação Financeira. 2. Cooperativas de Crédito. 3. Desenvolvimento Familiar. I. Título

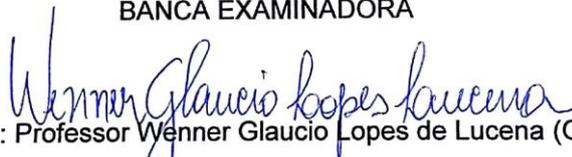
UFPB/BC

ALYNE MOEMA RAMALHO LIRA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS FAMILIARES DOS
ASSOCIADOS ÀS COOPERATIVAS DE CRÉDITO**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis, e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora designada pela coordenação do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba.

BANCA EXAMINADORA



Presidente: Professor Wenner Glaucio Lopes de Lucena (Orientador)

Instituição: Universidade Federal da Paraíba



Membro: Professora Daniëlle Karla Vieira e Silva

Instituição: Universidade Federal da Paraíba



Membro: Professor Robério Dantas de França

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

À minha filha, por tudo.

“Se você traçar metas absurdamente altas e falhar, seu fracasso será muito melhor que o sucesso de todos”.

(James Cameron)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por tudo, sem ele nada sou.

A meus pais, Zé Carlos e Toinha, por todo amor, carinho, dedicação e atenção que dedicaram durante todos os dias da minha vida, vocês são minha fortaleza.

Ao meu esposo Alysson pelo amor, apoio e paciência ao longo desses anos que passamos juntos.

A minha linda filha Yasmin por ser minha força de vida, que me impulsiona a ser cada dia uma pessoa melhor.

Ao meu irmão por ser meu porto seguro.

Aos meus amigos por todos os momentos de alegria. Em especial ao tripé, Júlia, Luciano e Rhayara.

Ao meu professor orientador, Wenner, por aceitar a orientação deste trabalho e ser incentivo para todo esforço despendido.

A todos os professores que ao longo do curso me despertaram e me inspiraram sobre qual tipo de profissional almejo ser. Em especial ao professor Rommel e a professora Ana Lúcia por dividirem seus conhecimentos e despertar em mim o gosto pela pesquisa.

Obrigada a todos!

LISTA DE ABREVIATURAS

BACEN – Banco Central do Brasil

CONEF – Comitê Nacional de Educação Financeira

ENEF – Estratégia Nacional de Educação Financeira

LDB (pesquisar assuntos relacionados a finanças

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SERASA – Centralizadora dos Serviços dos Bancos S/A

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil do Respondente.....	29
Tabela 2 - Conhecimento Financeiro	29
Tabela 3 - Conhecimento Financeiro x Faixa etária	31
Tabela 4 - Conhecimento financeiro x Estado Civil	31
Tabela 5 - Grau de escolaridade	32
Tabela 6 - Conhecimento financeiro x Grau de instrução	32
Tabela 7 - Grau de importância.....	34
Tabela 8 - Educação Financeira dos filhos	34
Tabela 9 - Influência dos filhos.....	36
Tabela 10 - Endividamento	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Aquisição de conhecimento.....	33
Gráfico 2 - Instrumentos financeiros mais utilizados na educação financeira das crianças.....	35

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar de que forma a educação financeira pode contribuir para o desenvolvimento familiar sustentável das famílias associadas as cooperativas de crédito da Região Nordeste. Trata-se de uma pesquisa descritiva e de levantamento. Foi realizado uma pesquisa de campo com 323 indivíduos, por meio de um questionário dividido em quatro blocos, enviado via endereço eletrônico, com auxílio da ferramenta de Formulário do Google. Esse questionário passou previamente por um pré-teste e foram elaboradas 21 questões, sobre o entrevistado e sua família. Foram obtidas 124 respostas, que representaram 38,4% da população estudada. Os resultados apontam que a faixa etária dos respondentes concentrou-se de forma expressiva entre 25 e 39 anos, representando um público jovem associado as cooperativas de crédito. No que diz respeito ao conhecimento financeiro, os homens sentem-se mais seguros do que as mulheres, e os indivíduos casados apresentaram um índice mais elevado de conhecimento sobre finanças, no entanto, apenas 8% da população respondente afirmaram possuir conhecimento amplo sobre o tema. O fator “experiência prática” foi apontado como determinante na aquisição do conhecimento. Apesar de 80,6% dos indivíduos considerarem a educação financeira com um grau de importância elevado, mais da metade dos que possuem filhos não praticam a educação financeira em casa e não planeja o uso do dinheiro a longo prazo, gerando falta de controle e conseqüentemente o endividamento.

Palavras-chave: Educação Financeira. Cooperativas de Crédito. Desenvolvimento Familiar.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how financial education can contribute to the sustainable family development of families associated with credit cooperatives in the Northeast Region. This is a descriptive and survey research. A field survey was conducted with 323 individuals, by means of a questionnaire, sent by electronic address, with the help of the Google Form. This questionnaire was previously pre-tested and 21 questions were written about the interviewee and his family. A total of 124 responses were obtained, representing 38,4% of the population studied. The results indicate that the age range are concentrated between 25 and 39 years old, representing a young public associated to credit cooperatives. About the financial knowledge, men feel safer than women, and married individuals have a higher index of knowledge about finance, yet only 8% of the respondent population claimed to have broad knowledge of the subject. The factor "practical experience" was pointed out as a determinant in the acquisition of knowledge. Although 80,6% of individuals consider financial education to be of high importance, more than half of those who have children don't practice financial education at home and do not plan to use money in the long run, resulting in a lack of control and consequently the indebtedness.

Keywords: Financial Education. Credit Cooperatives. Family Development.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Tema e Problema de Pesquisa	16
1.2 Objetivos	17
1.2.1 Objetivo Geral	17
1.2.2 Objetivos Específicos	17
1.2 Justificativa.....	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1 Educação Financeira.....	19
2.2 Planejamento Financeiro	21
2.2.1 Comportamento Financeiro	22
2.2.2 Planejamento Pessoal.....	22
2.2.3 Planejamento Familiar.....	24
2.3 Cooperativismo	25
3 METODOLOGIA	27
3.1 Classificação da Pesquisa.....	27
3.2 População e Amostra da Pesquisa	27
3.3 Pré-Teste.....	27
3.4 Aplicação do Questionário	28
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	29
4.1 Análise Descritiva dos Dados	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE.....	42
Questionário de Pesquisa	42
Ajustes	46

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema e Problema de Pesquisa

Nos países desenvolvidos a preocupação com a educação financeira é crescente, em decorrência do grande número de opções de produtos e serviços ofertados pelas instituições bancárias, avanços das tecnologias, aumento da expectativa de vida, e principalmente pela implementação de uma cultura consumista, que ensina a gastar rapidamente, no entanto, não ensina a obter, nem tão pouco manter o seu dinheiro (SERASA, 2017).

Esse modelo de sociedade consumista, que não está preparada para lidar com as adversidades relacionadas a questões financeiras, leva a situações de transtornos decorrentes da falta de equilíbrio e planejamento familiar. “A chamada cidadania financeira, que é entendida como o exercício pleno dos direitos e pelo cumprimento dos deveres dos cidadãos sobre finanças, ainda é incipiente no Brasil e no mundo” (BACEN, 2012, p.4).

Atualmente o Brasil é um país que pouco se investe em educação. Apenas 6,1% do PIB é destinado a essa área. Segundo pesquisa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE realizada em 76 países, o Brasil ocupa a 60ª no ranking mundial de qualidade de educação (OCDE, 2016). Não obstante a educação financeira não faz parte da realidade apresentada no âmbito escolar, nem tão pouco familiar. Somado a isso tem-se uma mídia altamente influente que aproveita da vulnerabilidade da falta de formação financeira consciente, transformando cada vez mais crianças em adultos consumistas.

A educação tem uma dimensão maior do que propriamente educar e construir, [...] em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades (VIANA, 2009).

Corroborando com essa afirmação, quanto mais cedo as crianças começarem a desenvolver a capacidade de administrar seu dinheiro, mais preparados e conscientes estarão durante vida adulta, contribuindo, dessa forma, para o crescimento econômico do país.

Nesse sentido, o foco deve ser o desenvolvimento da melhoria contínua das atitudes e comportamentos financeiramente sustentáveis, por meio do planejamento financeiro consciente e estruturado, pois conforme afirma Peretti (2007), planejar é investir em qualidade de vida no futuro da família. O Planejamento financeiro será seu mapa de navegação. Mostrará onde você está, aonde quer chegar e indicará os caminhos a percorrer. O segredo do planejamento financeiro é a iniciativa e a capacidade de realização; [...] deve ser constante (PERETTI, 2007).

Nesse contexto, a falta de planejamento pode levar ao endividamento das famílias em decorrência dos padrões elevados de consumo, que segundo Wisniewski (2011), afeta não só a saúde financeira pessoal, mas o desenvolvimento das economias e sua sustentabilidade no longo prazo.

O uso de uma educação para controle de finanças pode ajudar muito a reconhecer falhas e potencializar as riquezas pessoais. Faz-se necessário portanto, que a educação financeira seja incorporada no dia-a-dia das crianças, visando o desenvolvimento de adultos comprometidos e financeiramente responsáveis. Nesse sentido, busca-se responder a seguinte questão: **De que forma a educação financeira pode contribuir para o desenvolvimento das práticas familiares dos associados às cooperativas de crédito na região Nordeste?**

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar de que forma a educação financeira está envolvida com o desenvolvimento das práticas familiares dos associados as cooperativas de crédito na região Nordeste.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Traçar o perfil socioeconômico das famílias em estudo;
- Verificar o grau de endividamento das famílias;
- Identificar quais são os métodos utilizados pelas famílias em seu planejamento financeiro;

- Identificar qual a percepção que as famílias apresentam acerca do dinheiro.
- Verificar a influência dos filhos nas decisões de consumo familiar.
- Investigar quais as ferramentas de controle financeiro utilizadas pelas famílias.

1.3 Justificativa

O tema educação financeira ganhou relevância nos últimos anos, sendo este um assunto essencial na vida das pessoas. Pesquisas anteriores a exemplo de D'Aquino (2008), Modernell (2018) e Manfredini (2007) revelam que a educação financeira exerce influência direta na qualidade de vida, auxilia na tomada de decisão do dia-a-dia e garante ao seu usuário um futuro mais equilibrado no que tange as suas finanças.

Segundo D'Aquino (2008), as bases do modelo financeiro são construídas, por volta, da idade de 5 anos. É nesta fase que as crianças desenvolvem competências e habilidades que nortearão sua vida adulta. Faz-se, portanto, necessário o desenvolvimento do consumo consciente, frente a influência do mundo capitalista que influencia o consumo e é apresentado cada vez mais cedo para as crianças.

Em relação a família, Rocha (2008), defende que, quando o indivíduo tem as finanças em ordem, ele toma decisões e enfrenta melhor as adversidades. E isso não ajuda não só na vida financeira, mas também nos aspectos familiares.

Outro ponto que merece destaque é que a educação financeira nunca esteve presente nos currículos escolares, nem tampouco era assunto de criança no contexto familiar. Assim, os adultos de hoje sofrem com o despreparo para lidar com os desafios da vida adulta e com as mudanças no cenário econômico brasileiro, adquirindo a responsabilidade de desenvolver nas crianças as competências necessárias para adquirir hábitos conscientes no que diz respeito ao planejamento familiar saudável.

Por sua vez, as cooperativas de crédito buscam contribuir com o crescimento econômico e bem-estar da sociedade, devendo prezar pela educação financeira dos seus associados.

Assim este estudo é de relevante interesse por fomentar a discussão em relação a importância da educação financeira face ao cenário econômico atual.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Financeira

No Brasil as décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por um longo período de hiperinflação. Nessa época, os produtos nos supermercados chegavam a ser remarcados no mesmo dia. Neste cenário, a população conviveu com um ambiente altamente imprevisível, qualquer tentativa de planejamento era falha, visto que o simples fato de programar uma compra para o dia seguinte não era possível de ser planejado, fazendo com que as pessoas criassem o hábito de comprar no mesmo dia. Essa também foi uma época marcada pela instabilidade monetária (BACEN, 2012).

A razão disso pode ser explicada pelo fato de que o Brasil passou por oito mudanças de moeda em 52 anos (1942 e 1994), “Desse total, seis aconteceram num intervalo de vinte anos” (D’Aquino, 2008, p. 8).

Sobre essa época D’Aquino (2008) aponta que os adultos, de alguma maneira, continuam assombrados pelo fantasma da instabilidade, pois foram marcados pela desconfiança em relação ao dinheiro. Alega, ainda, que a segunda consequência herdada no período da hiperinflação foi a ausência de uma educação financeira sólida na formação das pessoas.

A estabilidade monetária só aconteceu com o Plano Real, em 1994. Nesse momento, surgiu um novo cenário econômico, o mercado do crédito. Navarro (2014) escreve que nos últimos anos, o crédito foi simplesmente enraizado em nossa cultura de consumo. E isso não é sustentável. Ressalta ainda que o consumo desenfreado, sem critérios já é doentio e perigoso, tal como o consumo via crédito, que é maligno, cruel e global, constituindo um sistema de falência financeira para a classe média - a maior consumidora.

Embora o crédito possibilite adiantar o consumo, o endividamento pessoal surge com o pagamento de juros e da amortização do crédito. O sujeito é impulsionado pela ideia de comprar o que não se precisa com o dinheiro que não se tem, o que indica que o consumo está relacionado além da satisfação de necessidades, estando atrelado, muitas vezes, ao *status* social (FONSECA, 2014).

Nesse contexto, o consumo desenfreado facilitado pelo mercado de crédito, leva ao endividamento e a inadimplência, afetando o cenário econômico e a qualidade de vida dos consumidores ao médio e longo prazo.

Ao endividar-se o consumidor está limitando o seu consumo futuro, pois parte de sua renda estará comprometido com pagamento de parcelas e juros. Nesse sentido, ao contrair uma grande quantidade de pequenas parcelas, eleva-se o risco de se endividar excessivamente, descontrolando o orçamento e comprometendo a qualidade de vida.

Segundo estudo desenvolvido pela área de *Decision Analytics da Serasa Experian*, em outubro de 2017, o número de consumidores inadimplentes no país chegou a 61,0 milhões, 4,45% a mais do que em outubro de 2016, quando eram 58,4 milhões (SERASA, 2017).

Esse aumento pode estar associado ao imediatismo, falta de planejamento e controle, crédito facilitado, parcelamento, imprevistos, desemprego, redução de renda, e principalmente falta de conhecimento sobre finanças. O endividamento por sua vez, gera consequências que vão desde a perda do patrimônio ao estresse emocional. Ou seja, não acarretam apenas problemas financeiros, mas também emocionais.

Para evitar o endividamento excessivo, muitas vezes torna-se necessário cortar gastos. Nesse sentido, o Bacen (2013) divide os gastos em três tipos: 1) necessários (são os gastos considerados imprescindíveis estão ligados às necessidades por exemplo, alimentação, moradia, saúde, educação e vestuário); 2) supérfluos (são os gastos que geram bem-estar e estão ligados mais aos desejos que às necessidades, como por exemplo restaurantes, TV a cabo, cinema e roupas de marca); e 3) desperdícios (são os gastos que não geram bem-estar nem estão ligados às necessidades ou aos desejos, por exemplo, multas, pagar por algo e não usar, esquecer luz acesa ou a torneira aberta).

De acordo com Fonseca (2014), a maior parte dos consumidores não compreendem como tais gastos podem leva-los ao endividamento e a inadimplência. Reforçando assim, a necessidade de conscientização sobre esses fatores, através de conhecimento que devem ser transmitidos ao longo da vida para formar consumidores conscientes e responsáveis sobre suas finanças, através da educação financeira presente no ambiente familiar e educacional brasileiro.

2.2 Planejamento Financeiro

As crianças não nascem consumistas, mas estão sofrendo grandes impactos na mudança cultural pelas mídias de massas, pela publicidade e pelo comportamento familiar, que as levam a esse hábito sem saber o motivo (MANUGRIEBELER, 2014). O público infanto-juvenil já é percebido atualmente como clientes potenciais por ter seu próprio modelo de consumo e influenciar nas compras do consumo familiar (SARTORI, 2013).

Nesse contexto torna-se importante discutir a importância da Educação Financeira, pois como bem ressaltava Manfredini (2007) a educação financeira pode ser realizada por meio de técnicas e estratégias na família, na escola, na comunidade, na religião e nos meios de comunicação, pois esses são os ambientes em que toda criança pode circular, ao longo de sua vida. Assim, nesses espaços, pode aprender, de forma implícita ou não, a maneira de lidar com o dinheiro.

Educar a criança para aprender a usar o dinheiro relaciona-se não só com o cuidado no manuseio do papel moeda, preservando sua condição física, mas também com as implicações éticas e morais que o dinheiro pode envolver. A questão ética deve ser observada, em uma educação que proporcione consciência para usar o dinheiro sem subornos e sem desmoralizar as pessoas, sendo esta uma forma de exercer a cidadania, respeitando-se o espaço público e privado da sociedade.

A mídia coloca bichinhos no meio de propagandas e falam uma linguagem infantil porque sabem que 80% da influência de compra dentro de uma casa vem das crianças (CALDAS, 2011).

Corroborando com essa afirmação, é necessário oferecer os pressupostos básicos para o desenvolvimento do planejamento financeiro, incentivando o consumo consciente, preparando para a tomada de decisão, proporcionando as habilidades necessárias para lidar com o mercado financeiro, visando uma maior qualidade de vida financeira, pessoal e profissional.

O Planejamento Financeiro surge como uma forma de organizar o orçamento familiar, possibilitando estabelecer metas de consumo, que irão formar o patrimônio da família, proporcionando uma vida organizada e equilibrada.

2.2.1 Comportamento Financeiro

Finanças pessoais é um tema atual no qual aborda o comportamento e conceitos financeiros das pessoas em lidar com dinheiro e como se planejar financeiramente como nos exemplos de financiamento, orçamento doméstico, cálculo de investimento, gerenciamento de conta corrente, plano de aposentadoria, acompanhamento de patrimônio e acompanhamento de gastos como tarefas relacionadas com finanças pessoais (LEAL; NASCIMENTO, 2008)

O Quadro 1 demonstra que o comportamento financeiro pode mudar de acordo com o nível de conhecimento que o indivíduo possui sobre as finanças.

Quadro 1 – Conhecimento Financeiro

Conhecimento Financeiro	
NÃO	SIM
Dificuldades Financeiras	Estabilidade Financeira
Investimentos deficitários (sem retorno)	Investimentos lucrativos
Pagamentos de juros (passivos)	Recebimento de juros (ativos)
Empréstimos	Aplicações financeiras
Ostentação	Evita supérfluos
Gastos maiores que receitas	Gastos menores que receitas
Faltam recursos para aplicar	Sobram recursos para aplicar
Não possui autodisciplina para traçar e alcançar metas financeiras	Tem autodisciplina para traçar e alcançar metas financeiras

Fonte: Wernke (2004, p. 66)

Podemos observar que quando não se há um conhecimento financeiro, o indivíduo está sujeito a passar por dificuldades financeiras decorrente de pagamento de juros, aquisições de empréstimos e falta de disciplina que elevam as dificuldades financeiras. Por outro lado, quando se obtém conhecimentos para gerir suas finanças, o indivíduo poderá usar o mercado financeiro a seu favor recebendo juros (ativos) através de investimentos e aplicações, bem como desenvolvendo estratégias para gerir o seu dinheiro de forma lucrativa.

Com uma boa educação financeira desde cedo, os filhos ficam mais preparados para o universo do consumo, porque aprendem a lição mais importante: primeiro poupar para depois gastar, pois de acordo com o SEBRAE (2015), os fatores que influenciam um consumidor no Brasil são culturais, sociais, pessoais e psicológicos.

Os fatores culturais estão segmentado em cultura, onde as pessoas acabam adquirindo um conjunto de valores, percepções, preferências e comportamentos por meio da vida em sociedade que acabam interferindo em seus hábitos de consumo

presentes e futuros; Subcultura, composta por um conjunto de particularidades culturais de um grupo menor, diferindo do padrão da sociedade maior; e classe social, composta por um grupo de pessoas que estão enquadradas em um extrato social comum, em divisões hierarquicamente ordenadas e relativamente homogêneas e duradouras de uma sociedade, que possuem comportamentos similares (SEBRAE, 2015).

Os fatores sociais, envolvem os grupos de referência, que são aqueles que influenciam os sentimentos, pensamentos e comportamento do consumidor, também conhecidos como grupos formadores de opinião, estes podem ser divididos em grupos informais, constituídos por aqueles com maior afinidade, como família, amigos, vizinhos, e colegas de trabalho, ou grupos formais, como sociedades religiosas, sindicatos e representações de categorias profissionais (SEBRAE, 2015).

Por fim, os fatores pessoais que traduzem as características particulares das pessoas através de momentos e vivências pelos quais um indivíduo passou ou está passando. São subdivididos em idade e estágio do ciclo de vida (os desejos modificam-se ao longo da vida); ocupação (profissão exercida pelo consumidor); condição econômica (patrimônio, poupança, renda e condições de crédito); estilo de vida (atividades, interesses e opiniões associados a produtos e serviços); e personalidade (cada pessoa tem uma personalidade distinta, que influenciará seu comportamento de compra) (SEBRAE, 2015).

2.2.2 Planejamento Pessoal

O planejamento financeiro pessoal busca estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família (FRANKENBERG, 2009).

Rassier (2010) defende que a Educação Financeira nos países desenvolvidos tradicionalmente cabe às famílias. Às escolas fica reservada a função de reforçar a formação que o aluno adquire em casa, mas no Brasil, infelizmente, a Educação Financeira não é parte do universo educacional familiar, tampouco escolar. Assim, a criança não aprende a lidar com dinheiro nem em casa, nem na escola. As consequências disso são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com graves repercussões.

Educando financeiramente, se tem um melhor controle do orçamento doméstico, cortando itens desnecessários, além de ter também um melhor controle dos investimentos. Quer dizer, o dinheiro rende mais, tendo em vista os planos de vida. A combinação de maximização de renda com minimização de despesas faz com que sobre mais dinheiro, ampliando o orçamento para compras (HOTMAR, 2009).

Corroborando com Modernell (2013), quando afirma que é comum confundir educação financeira com aprender a fazer investimentos ou a conter gastos. No entanto, consumir de forma responsável e investir de forma correta, é apenas uma parte dos benefícios que uma educação financeira sólida pode proporcionar. Desenvolver hábitos financeiros saudáveis permite que o sujeito adquira comportamentos sustentáveis que proporcionam uma melhor qualidade de vida.

Nesse contexto, educação financeira não consiste em ensinar a criança a economizar, mas sim desenvolver habilidades para lidar com o dinheiro da melhor forma possível.

2.2.3 Planejamento Familiar

O planejamento familiar é similar ao planejamento pessoal, no entanto no planejamento familiar, podem existir mais de uma pessoa envolvida no processo decisório associado ao consumo. “As finanças de uma família seguem a mesma lógica das finanças pessoais, com a diferença de que consideram a soma de indivíduos (cônjuges, com ou sem filhos) ao invés de apenas o singular” (PIRES, 2006, p. 13).

O cenário econômico mudou, pai e mãe geralmente precisam trabalhar fora para garantir o sustento da família. Na busca por tentar suprir a ausência no dia-a-dia os pais acabam comprando tudo que os filhos desejam. No entanto, independente da renda familiar, deve existir um limite para o consumo e os pais são os responsáveis por estabelecer essa linha.

Consumir pode gerar sensações imediatas e momentâneas de realização e plenitude, mas pode também revelar a dificuldade que o ser humano tem em adiar satisfações ou tolerar a falta de algo, levando-os, inúmeras vezes, a entrar em um círculo vicioso de um consumismo plenamente impensado, inconsciente, inconsistente e não sustentável, ambiental ou emocionalmente (MANUGRIEBELER, 2014).

Ensinar os filhos a lidar com o dinheiro não é uma tarefa fácil, sobretudo quando vivencia-se um cenário que valoriza a ética do consumo. No entanto, independente de quanto seja a renda familiar, os pais devem estabelecer e deixar claro que existem limites para o consumismo. “Paciência, a isso se dá o nome de educar... É isso que garantirá no futuro, filhos equilibrados, responsáveis e maduros em relação ao dinheiro, prontos para tomar as rédeas das próprias vidas” (D’AQUINO, 2003, p.3).

Nesse cenário, os pais devem conversar com os filhos sobre finanças, pois a publicidade conversa com as crianças todos os dias, por meio de comerciais, jogos, *outdoors*, e até mesmo pelo discurso de outros colegas na escola. Sem uma orientação, a criança não será capaz de discernir entre o que é querer ou precisar. E mais do que conversar, os pais devem servir de exemplo, de nada adianta impor limites para os filhos, se os pais não adotarem uma postura saudável frente as finanças.

2.3 Cooperativismo

O cooperativismo é um movimento que se fortalece no mundo todo por promover o desenvolvimento econômico sustentável e inclusivo, gerando o bem-estar social dos indivíduos e comunidades onde está presente (MENEZES, 2012). Define-se cooperativa como uma organização de pessoas que se baseia em princípios de solidariedade, democracia, igualdade, responsabilidade e ajuda mútua, os objetivos econômicos e sociais são comuns a todos os cooperados (OCB SESCOOP, 2010).

“As primeiras cooperativas surgiram na França e na Inglaterra, entre 1820 e 1840” (SEBRAE, 2013, p. 3). Em 1844, em *Rochdale* da cidade de *Manchester*, aproximadamente 28 tecelões (SISTEMA OCB/AP, 2013), enfrentando o problema do desemprego e das baixas condições salariais, mobilizam-se no sentido de adquirirem produtos de atendimento para as necessidades básicas e de sobrevivência, proporcionando a melhoria de vida dos seus integrantes.

No Brasil, em 1902, no Rio Grande do Sul, surgiu a primeira cooperativa de crédito da América Latina, criada pelo padre suíço Theodor Amstadt (SEBRAE, 2013).

De acordo com a Organização das Cooperativas Brasileiras, existe atualmente 13 ramos no cooperativismo: agropecuário; crédito; consumo; educacional; especial; habitacional; infraestrutura; mineral; produção; saúde; trabalho; transporte; e turismo

e lazer. Por sua vez, o setor cooperativista de crédito tem desempenhado papel fundamental pela inclusão financeira de milhares de pessoas em todo o País, contribuindo para o fortalecimento da economia brasileira.

Dessa maneira, as cooperativas funcionariam como instrumentos de geração de emprego e renda, podendo atuar desde os processos de produção, industrialização, comercialização, crédito e prestação de serviços (SEBRAE, 2009).

Segundo Menezes o modelo cooperativista apresenta uma filosofia capaz de agregar crescimento econômico e bem-estar social. Ele defende que o mundo está cada vez mais cooperativo, porque as pessoas estão percebendo o poder da cooperação para o desenvolvimento das sociedades e dos indivíduos (MENEZES, 2012) sendo, portanto, uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida (SISTEMA OCB/AP, 2013).

No sistema de cooperativa, por seu caráter autônomo, os cooperados são patrões e empregados ao mesmo tempo. Com isto, todos os envolvidos podem participar das decisões que dizem respeito à entidade da qual fazem parte.

Desta maneira, de acordo com o SEBRAE (2013, p. 6), uma cooperativa de crédito refere-se a: [...] “uma instituição financeira formada por uma sociedade de pessoas, com forma e natureza jurídica própria de natureza civil, sem fins lucrativos e não sujeita a falência”. Quando um grupo de pessoas constitui uma cooperativa de crédito, o objetivo é propiciar crédito e prestar serviços de modo mais simples e vantajoso para seus associados (por exemplo: emprestar dinheiro com juros bem menores e com menos exigências do que os bancos).

Assim, ainda de acordo com o SEBRAE (2013), à medida que a cooperativa de crédito se dispõe a prestar um serviço de empréstimo de dinheiro com juros bem menores e com menos exigências do que aqueles valores praticados pelos bancos, sua missão deverá estar direcionada, sempre e ao mesmo tempo, para a educação financeira de seus cooperados, bem como no processo de manutenção e preservação da associação constituída pelos próprios sujeitos e voltada ao benefício destes mesmos sujeitos. Portanto, a boa educação financeira dos cooperados contribui de maneira significativa para que criatura e criadores perpetuem-se harmoniosamente na sociedade.

3 METODOLOGIA

3.1 Classificação da Pesquisa

A pesquisa pode ser classificada como descritiva, pois segundo Lopes (2006), é um estudo de determinada população, onde foram descritas as suas características, estabelecendo variáveis entre si, mediante os seus objetivos, os quais foram utilizados para identificar várias óticas da problemática. Esta classificação de pesquisa visa apresentar características do grupo, tais como, a classificação por idade, sexo, nível de renda, entre outros.

3.2 População e Amostra da Pesquisa

Para definição da população da pesquisa utilizou-se como critério estar associado a uma cooperativa de crédito da Região Nordeste. Para tanto foram enviados e-mails para funcionários de uma cooperativa central, e mensagens para seguidores dos perfis de diferentes cooperativas de crédito da região Nordeste.

O universo de pesquisa totalizou 323 indivíduos. Destes, 5 informaram que apesar de seguirem a página, não são associados e, portanto, não poderiam responder o questionário, e 194 não deram retorno.

Foram recebidas 124 respostas de associados a diferentes cooperativas de crédito. Esses indivíduos por sua vez, foram considerados como amostra desta pesquisa e seus resultados foram discutidos posteriormente.

3.3 Pré-Teste

Para coleta de dados utilizou-se um questionário, o qual passou por um pré-teste com seis (6) pessoas: uma pessoa do meu ambiente familiar, quatro professores do curso de Ciências Contábeis, e, por fim, um gestor do setor pessoal de uma cooperativa de crédito, com formação superior na área. Após considerações, em razão de algumas perguntas que não estavam bem apresentadas, o que dificultava a compreensão, algumas terminologias foram modificadas e o modelo de organização do questionário também foi corrigido.

3.4 Aplicação do Questionário

A coleta de dados se deu mediante aplicação de um questionário composto por 21 questões, que teve como objetivo avaliar o perfil familiar dos associados as cooperativas de crédito, visando extrair as informações para análise e interpretação dos dados.

O questionário ficou dividido em 4 (quatro) blocos que buscaram responder os objetivos da pesquisa. O primeiro bloco buscou definir o perfil do entrevistado e é composto pelas questões 1 a 4, e conhecimento a respeito das finanças 19 a 21.

O segundo bloco foi estruturado buscando analisar o perfil familiar. Nesse bloco, são levantadas questões que tratam sobre renda familiar (questões 5, 6, 7) e relação entre pais e filhos nas decisões de consumo (questões 14 a 18).

O terceiro bloco buscou analisar o grau de endividamento do entrevistado (questões 8 e 9).

O quarto bloco levanta questões relacionadas ao planejamento pessoal e familiar em relação às finanças (questões 10 a 13).

O contato com os participantes, foi feito por meio de e-mail e das redes sociais dos seguidores de perfis de cooperativa da região Nordeste. O questionário foi enviado através de link eletrônico, com auxílio da ferramenta de Formulários do Google, dentro do período de 12 de agosto à 27 de setembro de 2018.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Análise Descritiva e Comparativa dos Dados

Relativos aos respondentes, a Tabela 1 apresenta as seguintes respostas:

Tabela 1 - Perfil dos Respondentes

SEXO	QTDE	%
Feminino	65	52,4%
Masculino	59	47,6%
Total	124	100%
FAIXA ETÁRIA	QTDE	%
Até 24 anos	18	14,5%
Entre 25 e 39 anos	70	56,5%
Entre 40 e 54 anos	31	25%
Acima dos 55 anos	5	4%
Total	124	100%
ESTADO CIVIL	QTDE	%
Solteiro	46	37,1%
Casado/União Estável	63	50,8%
Separado/Divorciado	15	12,1%
Total	124	100%
GRAU DE ESCOLARIDADE	QTDE	%
Ensino Fundamental	1	0,8%
Ensino Médio	18	14,5%
Ensino Superior	63	50,8%
Pós Graduação	42	33,9%
Total	124	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Dos respondentes, 65 (52,4%) eram do sexo feminino e 59 (47,6%) do sexo masculino. Com relação ao gênero, os homens mostraram-se mais seguros do que as mulheres, no que diz respeito ao conhecimento financeiro. Conforme pode-se observar na Tabela 2.

Tabela 2 – Conhecimento financeiro

Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu próprio dinheiro?	Homens	Mulheres	TOTAL
Nada Seguro	4	3	7
Não muito seguro	8	15	23
Razoavelmente seguro	22	25	47
Seguro	17	20	37
Muito Seguro	8	2	10
Total	59	65	124

Fonte: Elaborada pela autora (2018)

No entanto, no contexto geral apenas 8 homens e 2 mulheres que correspondem a 8% dos participantes da pesquisa, afirmaram possuir conhecimento amplo sobre finanças, considerando possuir muita segurança para gerir seu próprio dinheiro.

De acordo com uma pesquisa realizada por Lusardi e Mitchell (2011), as mulheres avaliam seu próprio nível de alfabetização financeira de forma mais conservadora.

As diferenças encontradas no gênero também podem ser resultado da socialização dos indivíduos. Um estudo realizado por Edwards, Allen e Hayhoe (2007) concluiu que os pais mantêm diferentes expectativas para filhas e filhos, o resultado da pesquisa demonstrou que os pais são mais propensos a falar com seus filhos sobre dinheiro. Em contraste, os autores observaram que os pais educam filhas para serem dependentes financeiramente.

Assim, parece que a diferença significativa entre homens e mulheres é explicada pelo fato de que os homens tendem a ver o dinheiro como poder e acreditam que ter dinheiro vai torná-los mais socialmente desejáveis, fazendo com que busquem conhecimento, enquanto as mulheres parecem ter uma abordagem mais passiva em relação ao dinheiro (CALAMATO, 2010).

A faixa etária apresentada na Tabela 1, concentrou-se de forma expressiva entre 25 e 39 anos, correspondendo a mais da metade dos indivíduos respondentes (56,5%), o que representa um público jovem associado as cooperativas de crédito.

As principais pesquisas sugerem que a alfabetização financeira tende a ser maior entre os adultos no meio de seu ciclo de vida e, geralmente, é menor entre os jovens e os idosos (Agarwal, Driscoll, Gabaix & Laibson, 2009). Corrobora com os dados apresentados na pesquisa onde 41,93% dos respondentes com idade entre 25 e 39 anos afirmaram possuir conhecimento financeiro suficiente para gerir suas finanças de forma segura.

Tabela 3 – Conhecimento financeiro x faixa etária

Conhecimento Financeiro	Faixa etária				Total
	Até 24	25 a 39	40 a 54	Acima de 55	
Nada Seguro	2	5	0	0	7
Não muito seguro	4	11	7	1	23
Razoavelmente seguro	9	26	11	1	47
Seguro	2	26	8	1	37
Muito Seguro	1	2	5	2	10
TOTAL	18	70	31	5	124

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O estado civil dos respondentes tem preponderância de indivíduos casados, como se pode ver na Tabela 1. Dos respondentes 46 (37,1%) são solteiros; 63 (50,8%) são casados ou possuem uma união estável; e apenas 15 (12,1%) são divorciados ou separados. De acordo com a Tabela 4, os indivíduos casados possuem maior conhecimento financeiro, considerando possuir conhecimento bastante amplo sobre finanças.

Tabela 4 – Conhecimento financeiro x estado civil

Conhecimento Financeiro	Solteiro (a)	Casado (a)	Separado/ Divorciado	TOTAL
Nada Seguro	3	4	0	7
Não muito seguro	10	11	2	23
Razoavelmente seguro	19	22	6	47
Seguro	12	20	5	37
Muito Seguro	2	6	2	10
Total	46	63	15	124

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Nesse contexto, Research (2003) afirma que os solteiros têm menores níveis de educação financeira, quando comparados aos indivíduos casados. Em geral, quando as pessoas possuem um baixo nível de educação financeira, elas correm o risco tomar decisões financeiras erradas que, em longo prazo, podem resultar em dívidas, colocando em risco o bem-estar de seus relacionamentos (CALAMATO, 2010). Ratificando, Dew (2008) constatou que a dívida do consumidor representa uma grande ameaça para um bom relacionamento, por este motivo, os indivíduos casados apresentam maiores níveis de educação financeira.

A maior parte dos respondentes, 63 indivíduos (50,8%), possuem formação em ensino superior, 42 (33,9%) concluíram uma pós-graduação, 18 (14,5%) possuem o ensino médio e apenas 1 (0,8%) possui apenas o ensino fundamental.

Tabela 5 – Grau de escolaridade

GRAU DE ESCOLARIDADE	QTDE	%
Ensino Fundamental	1	0,8%
Ensino Médio	18	14,5%
Ensino Superior	63	50,8%
Pós-Graduação	42	33,9%
Total	8	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Os dados da pesquisa apontaram que o maior nível de conhecimento financeiro esteve presente entre os indivíduos que possuíam formação superior, no entanto, não houve alteração significativa entre os indivíduos que concluíram o ensino superior e os que possuem pós-graduação.

Tabela 6 – Conhecimento financeiro x grau de instrução

Conhecimento Financeiro	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Pós-Graduação	TOTAL
Nada Seguro	0	3	4	0	7
Não muito seguro	1	9	9	4	23
Razoavelmente seguro	0	4	30	13	47
Seguro	0	2	18	17	37
Muito Seguro	0	0	2	8	10
Total	1	18	63	42	124

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

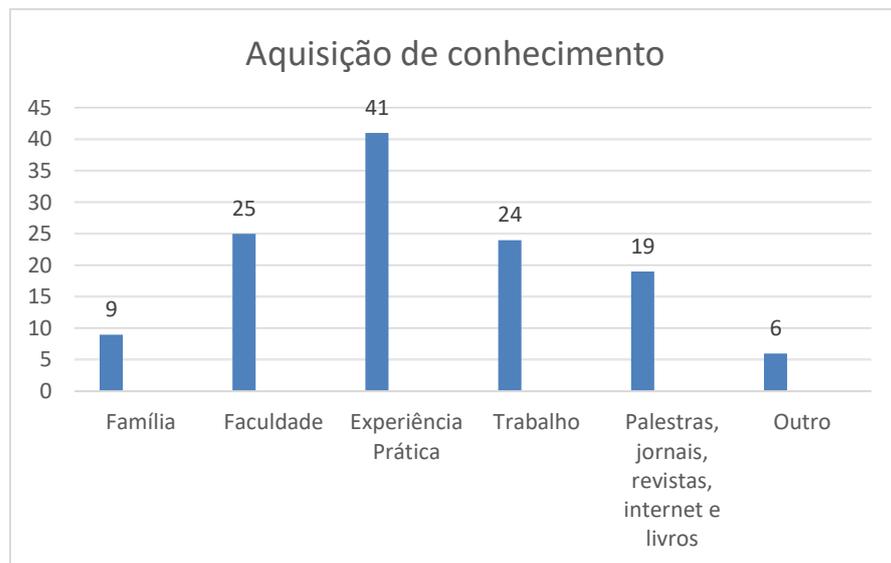
Amadeu (2009) aponta que o maior contato, durante a graduação ou em cursos especializados, com disciplinas de cunho financeiro ou econômico influencia positivamente nas práticas financeiras cotidianas assim, quanto maior o nível de escolaridade, maior o nível de educação financeira. No entanto, segundo uma pesquisa de Chen e Volpe (1998), ao avaliarem os conhecimentos em finanças pessoais de universitários, foi constatado que os estudantes, independentemente de seu grau escolar, possuíam um nível de conhecimento inadequado, principalmente com relação a investimentos.

A percepção acerca da aquisição do conhecimento financeiro apresentou discrepâncias de acordo com a fase de vida vivenciada pelos indivíduos entrevistados. Para os mais jovens a maior parte dos conhecimentos foram adquiridos com familiares, enquanto que para os indivíduos com idade entre 25 e 39 anos as experiências práticas é que fizeram a diferença na aquisição dos conhecimentos.

A faculdade e o trabalho encontram-se equiparados, no entanto para o grupo com idade a partir de 55 anos apenas o trabalho foi citado como indicador de maior relevância no desenvolvimento do conhecimento financeiro adquirido. O Gráfico 1 representa os dados obtidos através das respostas, destacando que a maior parte do conhecimento financeiro no contexto geral, foi adquirido através de experiências práticas.

Isso pode ser explicado pelo fato dos indivíduos associados as cooperativas de crédito estarem envolvidos com questões financeiras decorrentes da busca por conhecimento. Segundo Feltrim (2018) um cidadão consciente e educado financeiramente sabe se planejar, poupar, faz bom uso do crédito e das opções de financiamento que estão disponíveis, além de evitar o endividamento por conhecer os produtos e serviços das instituições financeiras. Essa busca por boas decisões financeiras permite elevar o grau de conhecimento.

Gráfico 1 – Aquisição de conhecimento



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Nesse sentido, ao analisar o fator ocupação Chen e Volpe (1998), chegaram a conclusão de que quanto mais tempo o indivíduo tiver de serviço, maior será o número de experiências financeiras e, por esse motivo, a aquisição de conhecimento será superior. O trabalho também pode influenciar no nível de conhecimento financeiro, uma vez que, o indivíduo com renda mensal estável, possui melhores condições de se planejar financeiramente.

No que tange a percepção acerca da importância atribuída a educação financeira a Tabela 7 aponta resultado positivo para a pesquisa. O somatório de 43 respostas “Muito importante” e 57 “indispensável” com 34,7% e 46% respectivamente mostra que, a maioria expressiva deles (80,6%) consideram a educação financeira com um grau de importância elevado. Apenas 23 (19,4%) consideram a educação financeira entre desnecessária, pouco importante e importante.

Tabela 7 – Grau de importância

GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA	QTDE	%
Desnecessária	1	0,8%
Pouco importante	1	0,8%
Importante	22	17,7%
Muito importante	43	34,7%
Indispensável	57	46,0%
Total	124	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Com relação a família, 57,3% dos respondentes possuem filhos. Os dados apresentaram que as mulheres falam mais sobre finanças com os filhos do que os homens, e que quanto maior o nível de escolaridade dos pais, maior a frequência que o assunto é abordado com as crianças. Corrobora com Mandell (2008), quando constatou que a educação financeira dos indivíduos é diretamente relacionada com os níveis de educação dos pais. No entanto, a tabela 8 demonstra que 31 (43,7%) responderam que “raramente” e 10 (14,1%) que “nunca”, falam sobre finanças com seus filhos. Dessa forma, mais da metade dos indivíduos que possuem filhos, não praticam a educação financeira em casa.

Tabela 8 – Educação financeira dos filhos

Com que frequência você fala sobre finanças com seus filhos?		%
Nunca	10	14,1%
Raramente	31	43,7%
Sempre	30	42,3%
Total	71	100%

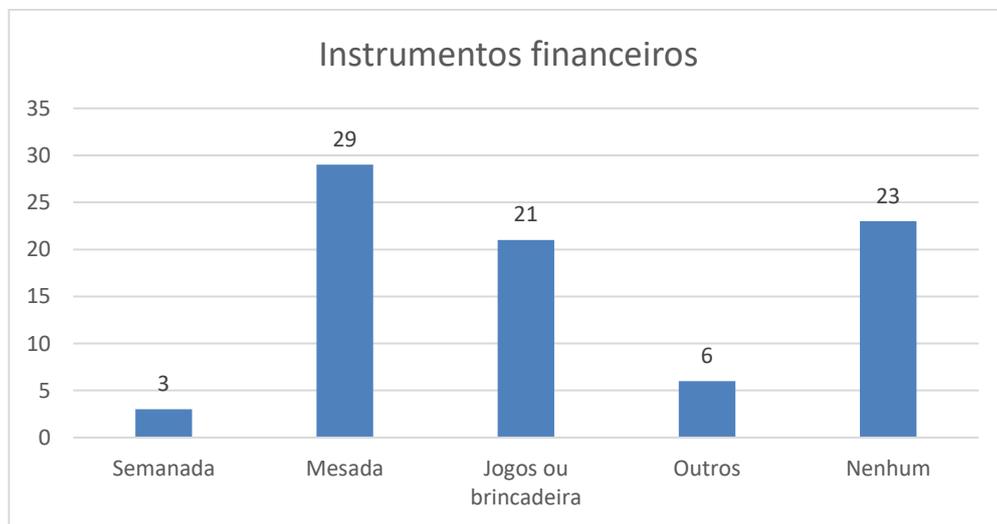
Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Segundo Frankenberg (2009), é de conhecimento de todos que os pais são os maiores exemplos para os filhos, proporcionando experiências na infância que

perpetuarão na vida adulta. Diversos autores defendem a importância da educação financeira iniciar no meio familiar, Ribeiro (2005) defende que os verbos ganhar e gastar devem ser ensinados pelos pais e não na escola. D'Aquino (2008), esclarece que a educação financeira deve criar bases para que na vida adulta os filhos possam desenvolver uma relação saudável e equilibrada com o dinheiro. Importante destacar que os pais desempenham um papel importante ao influenciar o comportamento de consumo dos seus filhos.

Dentre os instrumentos utilizados na educação financeira no ambiente familiar, o gráfico 2 representa os mais utilizados pelos respondentes desta pesquisa.

Gráfico 2 – Instrumentos financeiros utilizados na educação financeira das crianças.



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

A mesada aparece como o instrumento mais utilizado na educação financeira das crianças no ambiente familiar, seguido por jogos ou brincadeiras. Modernell (2018), define a semanada e a mesada como ferramentas de educação financeira, que tem por objetivo desenvolver a responsabilidade pelas atitudes e decisões do consumo infantil. Para D'Aquino (2008), a mesada é um instrumento eficiente e importante que ensina a gastar e a poupar. Por sua vez, os jogos e as brincadeiras aparecem como uma forma lúdica para atrair as crianças para o desenvolvimento de uma consciência financeira sustentável.

O questionamento referente a influência dos filhos na decisão de consumo na família foi de importante colaboração para a pesquisa, uma vez que foi constatado que mais da metade (50,7%) dos indivíduos consideram a influência dos filhos como

“moderada” e outros 12,7% consideram que os filhos possuem “muita” influência sobre as decisões de consumo, conforme podemos observar na Tabela 9.

Tabela 9 – Influência dos filhos

Influência dos filhos nas decisões de consumo		%
Nenhuma	9	12,7%
Pouca	17	23,9%
Moderada	36	50,7%
Muita	9	12,7%
Total	71	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Associado a influência dos filhos, outro dado relevante foi refletido nas decisões de consumo para suprir a ausência dos pais. Quando questionados sobre este aspecto, 56,4% dos indivíduos afirmaram que já compraram algo material no intuito de compensar a ausência diária.

Em relação ao endividamento, foi constatado que apesar dos homens contribuírem mensalmente com o rendimento familiar, mais do que as mulheres, estes também estão mais comprometidos financeiramente. No geral 48,4% dos respondentes afirmaram que os ganhos mensais são suficientes para arcar com os gastos, no entanto não sobra dinheiro para nada.

Tabela 10 – Endividamento

Rendimento mensal comprometido com obrigações mensais		%
Menos de 30%	12	9,7%
De 31% a 50%	32	25,8%
De 51% a 70%	42	33,9%
Acima de 71%	38	30,6%
Total	124	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2018)

É importante ressaltar que 52,4% dos indivíduos não planeja o uso do dinheiro a longo prazo, refletindo no endividamento. Segundo PELICOLI (2011), aquele que tem o planejamento a longo prazo e estabelece metas para seus investimentos, provavelmente terá mais segurança e possivelmente mais tranquilidade econômica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar de que forma a educação financeira pode contribuir com o desenvolvimento das práticas familiares dos associados as cooperativas de crédito na região Nordeste.

Torna-se necessário retornamos aqui as ideias de D'Aquino (2008) apresentadas neste trabalho, destacando a necessidade de trabalhar desde cedo a educação financeira, assim a criança entenderá a importância do planejamento, garantindo uma vida adulta tranquila e equilibrada financeiramente.

Os resultados obtidos pelos 124 indivíduos da amostra demonstraram que os dados foram relevantes, considerando a importância da educação financeira na vida pessoal e familiar dos indivíduos. Silva (2004) destaca que as habilidades financeiras são necessárias não apenas para sobrevivência, mas para o desenvolvimento pessoal.

Os dados da pesquisa apontaram que a faixa etária dos respondentes concentrou-se de forma expressiva entre 25 e 39 anos, representando um público jovem associado as cooperativas de crédito.

Com relação ao gênero, os homens demonstraram sentir mais segurança do que as mulheres quando o assunto é conhecimento financeiro, assim como, os indivíduos casados se sobressaíram em relação aos solteiros.

Vale salientar que em relação ao conhecimento financeiro, o fator "experiência prática" foi citado como determinante na aquisição do conhecimento. Tal situação pode ser resultado do envolvimento financeiro desses indivíduos com as cooperativas de crédito uma vez que, um cidadão consciente e educado financeiramente sabe se planejar, poupar, além de evitar o endividamento.

Um dos aspectos merecedores de destaque é em relação a percepção da importância atribuída a educação financeira, onde (80,6%) consideram a educação financeira com um grau de importância elevado. No entanto, mais da metade dos indivíduos que possuem filhos não praticam a educação financeira em casa e não planejam o uso do dinheiro a longo prazo.

Destarte, a educação financeira surge como uma grande ferramenta que se implantada na infância, desenvolverá adultos conscientes no que tange as suas

finanças desenvolvendo competências necessárias para tomada de decisão mais consistente formando indivíduos responsáveis com o futuro.

Conclui-se, portanto, que a educação financeira desde a infância é a base para que no futuro os indivíduos obtenham uma situação financeira saudável, permitindo um equilíbrio do orçamento familiar através da adoção de atitudes conscientes, uma vez que o adulto aprende melhor a lidar com o dinheiro quando detém o conhecimento adquirido na infância, pois conforme destaca D'Aquino (2008) as bases do conhecimento são construídas na infância por volta dos 5 anos de idade.

O processo de educação financeira é longo e deve ser construído através dos ensinamentos que envolvem a organização, planejamento, controle, responsabilidade e ética na formação dos indivíduos. A família é a primeira responsável por esses ensinamentos. Ensinar a criança a lidar com o dinheiro é uma necessidade que envolve não somente o fato monetário, mas também auxilia no desenvolvimento de práticas que envolvem a tomada de decisão e a resolução de problemas.

Dentre as limitações o curto espaço de tempo para coleta de dados foi fator determinante para o tamanho da amostra que poderia ser mais abrangente.

Embora o trabalho tenha trazido diversas contribuições, destacando a importância da educação financeira presente no ambiente familiar, desenvolvendo adultos financeiramente conscientes, para maior conhecimento e entendimento do assunto de interesse econômico e social, sugere-se como recomendação para novas pesquisas uma abordagem mais profunda, buscando compreender de que forma as ferramentas são utilizadas na educação financeira.

REFERÊNCIAS

- AGARWAL, S., Driscoll, J., Gabaix, X., & Laibson, D. **The age of reason: financial decisions over the lifecycle with implications for regulation.** Brookings Papers on Economic Activity 2, 51-117. (2009)
- AMADEU, J. R. **A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: proposta de inserção da disciplina na matriz curricular.** Dissertação de mestrado, Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, SP, Brasil. (2009).
- ATINC, T. M. **Como investir na primeira infância: um guia para a discussão de políticas e a preparação de projetos de desenvolvimento da primeira infância. Rumos do Desenvolvimento. Desenvolvimento humano.** The world bank. São Paulo: Singular, 2011.
- BACEN – BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Trabalhos para Discussão nº 280**, Jun 2012. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pec/wps/port/td280.pdf>>. Acesso em: 01 de Março de 2018.
- BROWN, M.; Graf, R. **Financial literacy and retirement planning in Switzerland.** (2013) Disponível em: <http://scholarcommons.usf.edu/numeracy/vol6/iss2/art6>. Acesso em 01 de outubro de 2018.
- CALAMATO, M. P. **Learning financial literacy in the family. Unpublished master's thesis.** The Faculty of the Department of Sociology, San José State University. (2010)
- CHEN, H. ; Volpe, R. P. **An analysis of personal financial literacy among college students.** Financial Services Review, 7(2), 107-128. (1998) Disponível em: http://www2.stetson.edu/fsr/abstracts/vol_7_num2_107.pdf. Acesso em 27 de setembro de 2018.
- DEW, J. **Debt change and marital satisfaction change in recently married couples.** Family Relations, 57(1), 60-71. (2008)
- D'AQUINO, C. **Educação financeira. Como educar seus filhos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008
- EDWARD, R., Allen, M. W., & Hayhoe, C. R. **Financial attitudes and family communication about students' finances:** The role of sex differences. Communication Reports, 20(2), 90-100. (2007)
- FONSECA, E. M. C. da F. **O problema do superendividamento: causas e possíveis soluções.** Porto Alegre, 2014. Monografia. Curso de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FRANKENBERG, L. **Seu futuro financeiro: você é o maior responsável.** 6º ed. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

HOTMAR. **7 Benefícios da educação financeira. 2009.** Disponível em: <<http://dinheirama.com/blog/2009/12/07/7-beneficios-da-educacao-financeira/>> Acesso em: julho, 2016

LEAL, C. P.; NASCIMENTO, J. A. R do **.Planejamento Financeiro Pessoal.** Brasília.2008.Acesso em: setembro, 2018.

LUSARDI, A., & Mitchell, O. S. **Financial literacy and retirement planning in the United States.** Journal of Pension Economics and Finance, 10(4), 509-525 (2011)

MANFREDINI, A. M. N. **Pais e filhos: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição.** 2007. 218f. Dissertação - Pontifício Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MANDELL, L. **Financial literacy of high schools students.** Handbook of Consumer Finance Research, New York: Springer (2008)

MANUGRIEBELER. **Mini Consumidores.** 2014. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vies/vies/mini-consumidores/>> Acesso em: 02 Fev. 2018.

MODERNELL, A. **Por que educação financeira para crianças?.** 2011. Disponível em: <<http://www.maisativos.com.br/index.php?ac=leiamais&ar=50>>. Acesso em: 05 de Fev. 2018.

NAVARRO, C. **Cultura de consumo.** Disponível em <www.coachfinanceiro.com/tag/cultura-de-consumo/> 2014. Acesso em: 02 Fev. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS (Brasil). Ramos. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/site/ramos/index.asp>>. Acesso em: setembro, 2018

PELICIOLO, A. F. A relevância da Educação Financeira na Formação de jovens. Faculdade de Física. 2011.

PERETTI, L. C. **Aprenda a cuidar do seu dinheiro.** 1. ed. Dois Vizinhos, PR. Impressul, 2007

PIRES, V. **Finanças Pessoais Fundamentos e Dicas.** Piracicaba: Ed. Equilíbrio, 2006.

RASSIER, L. **Conquiste sua liberdade financeira. Organize suas finanças e faça o seu dinheiro trabalhar para você.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

RESEARCH, R. M. (2003). **Survey of adult financial literacy in Australia.** ANZ Banking Group. Disponível em: http://www.anz.com/Documents/AU/Aboutanz/AN_5654. Acesso em: 06 de outubro de 2018.

ROCHA, R. H. **Educação financeira em pauta.** Disponível em: <<http://www.hsm.com.br/artigos/educacao-financieira-em-pauta>>. Acesso em: 10 Dez. 2017.

SARTORI, F. L. **O natal e o consumo precoce provocam o aumento do poder de decisão de compra exercido pelas crianças e adolescentes sobre o consumo familiar.** 2013. Disponível em: < <http://novamarketingpesquisa.blogspot.com.br>> Acesso em: Janeiro, 2017.

VIANNA, C. E. S. **Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira,** disponível em: <http://www.fatea.br/seer/index.php/janus/article/view/41/44>, (2009) Acesso em 18/08/2018

WERNKE, R. **Considerações acerca de aspectos atuais do cotidiano financeiro das pessoas físicas e jurídicas.** Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, volume 118, out. 2004, p. 65-71.

APÊNDICE

Questionário de Pesquisa

Prezado (a) entrevistado (a),

Este questionário faz parte de uma pesquisa do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba, afim de apresentação de um trabalho de conclusão de curso. Então, solicito respeitosamente de V.S.^a o preenchimento deste questionário para fundamentar a pesquisa que estou desenvolvendo. Desde já, agradeço.

1 – Gênero:

Masculino Feminino

2- Faixa Etária:

Até 24 anos 25 a 39 anos
 40 a 54 anos acima de 55 anos

3- Estado Civil:

Solteiro Casado/União estável
 Separado/Divorciado Outro _____

4- Grau de Escolaridade:

Ensino Fundamental Ensino Médio
 Ensino Superior Pós-graduação

5- Quantas pessoas moram com você?

1 2 3 4 5 Mais que 5

6- Qual a renda mensal líquida familiar? (Considere a soma das rendas das pessoas que moram com você)

Até R\$ 1.908,00
 R\$ 1.908,00 a R\$ 3.816,00
 R\$ 3.816,00 a R\$ 9.540,00
 R\$ 9.540,00 a R\$19.080,00
 Acima de R\$ 19.080,00

7 -Em percentual, quanto você contribui para a renda familiar?

- menos de 30%
- Entre 31% e 50%
- Entre 51% e 70%
- Acima de 71%

8- Qual o percentual do seu rendimento mensal está comprometido com prestações/obrigações mensais?

- De 1% a 30%
- De 31% a 60%
- De 61% a 90%
- De 91% a 100%

9- O que você ganha por mês é suficiente para arcar com seus gastos?

- Consigo pagar as minha contas e ainda invisto parte dos meus ganhos
- É suficiente, mas não sobra nada
- Gasto todo meu dinheiro e ainda uso o limite do cheque especial, ou faço empréstimos

10- Você planeja o uso do seu dinheiro?

- Sim, tenho um plano financeiro que me norteia mensalmente.
- Nem sempre, apenas planejo para o longo prazo. A curto prazo não faço nenhum planejamento.
- Nunca.

11- Você possui um planejamento financeiro familiar?

- Sim
- Não

Obs.: se a resposta for negativa, responda à questão 14.

12- Qual a periodicidade em que é realizado o planejamento financeiro familiar?

- semanal
- quinzenal
- mensal
- anual

13- Qual o método que você utiliza para realizar o seu planejamento financeiro familiar?

- Documentos de ofício/manual
- Planilhas de Excel
- Outro. Cite: _____

14- Número de filhos:

- 1 2 3 4 5 Acima de 5 Nenhum

Obs.: Caso você não tenha filhos, responda a questão 19.

15 - Com que frequência você fala sobre finanças com seus filhos?

- Nunca Raramente Sempre

16 – Você já comprou algo material para seus filhos a fim suprir a sua ausência?

- Nunca Raramente Sempre

17 – Qual influência dos seus filhos nas decisões do consumo familiar?

- Nenhuma Pouca Moderada Muita

18 – Você utiliza algum instrumento financeiro na educação dos seus filhos?

- Semanada
- Mesada
- Jogos ou brincadeiras
- Outros: _____

19- Onde você adquiriu a maior parte dos seus conhecimentos para gerir o seu dinheiro?

- Com familiares
- Na faculdade

- () De minha experiência prática
- () trabalho
- () Palestras, jornais, revistas, internet, rádio, livros
- () Outros:_____

20 - Como você sente a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu próprio dinheiro?

- () Nada seguro. Eu gostaria de possuir um nível muito melhor de educação financeira.
- () Não muito seguro. Eu gostaria de saber um pouco mais sobre finanças.
- () Razoavelmente seguro. Eu conheço a maioria das coisas que eu precisaria saber do assunto.
- () Seguro. Conheço o assunto e consigo aplicá-lo no meu dia-a-dia.
- () Muito seguro. Eu possuo conhecimentos bastante amplos sobre finanças.

21- Que grau de importância você atribui a Educação Financeira?

- () Desnecessário
- () Pouco importante
- () Importante
- () Muito importante
- () Indispensável